

NARRATIVAS À FLOR DA PELE: A (RE-/CO-) CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DOS AFETOS EM EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS NARRATIVIZADAS

*NARRATIVES ON THE EDGE: THE DISCURSIVE (RE-/CO-) CONSTRUCTION OF
AFFECTS IN NARRATIVIZED EMOTIONAL EXPERIENCES*

Diego Candido **ABREU**¹

Resumo: O objetivo do presente trabalho é alumiar o processo de construção discursiva das emoções na prática narrativa. Para tanto, apoio-me no conceito de *Perezhivanie* (VYGOTSKY, 1994) em articulação com a reflexão sociolinguística acerca das narrativas (LABOV, 1972) e sua dinâmica avaliativa inerente. Nesse sentido, duas narrativas geradas no contexto interacional de uma entrevista semiestruturada são analisadas sob a baliza heurística desse edifício teórico dialógico. Este estudo se insere no paradigma de pesquisa qualitativo de cunho etnográfico. As análises sugerem que os expedientes avaliativos instanciados nas narrativas iluminadas representam o terreno sobre o qual o processo de construção discursiva das emoções se materializa.

Palavras-Chave: Linguística Aplicada. Narrativa. Emoção. Experiência. *Perezhivanie*.

Abstract: This work aims at highlighting the process of discursive construction of emotions in the narrative practice. In order to do so, I base this research on a theoretical articulation between the concept of *Perezhivanie* (VYGOTSKY, 1994) and the sociolinguistic reflection regarding the narratives and its inherent evaluative dynamics. In this regard, two narratives generated in the interactional context of a semi-structured interview are analyzed under the heuristic aegis of this dialogical theoretical framework. This study is in line with the ethnographic qualitative research approach. The analyses suggest that the evaluative expedients instantiated in the highlighted narratives represent the basis upon which the process of discursive construction of emotions attains materiality.

Keywords: Applied Linguistics. Narrative. Emotion. Experience. *Perezhivanie*.

Introdução

Ao longo da história do pensamento ocidental, poucas esfinges mobilizaram tanta energia investigativa como as emoções em sua relação com a vida humana. Não surpreendentemente, elucubrações ontológicas sobre sua origem e sua configuração empírica podem ser observadas em grande parte dos mitos fundadores de diferentes povos (LEVI-STRAUSS, 1978; JUNG, 1986), assim como no percurso da história da filosofia e da ciência em distintos rincões do planeta. No entanto, a um observador desavisado, pareceria que tantas luzes apontadas em direção a esse

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Bolsista CNPQ. diegocurciodeabreu@gmail.com

objeto, antes de revelarem sua forma e substância, tornaram-no nebuloso e, aparentemente, inalcançável.

Argumento - reverberando outras vozes (GONZÁLEZ-REY, 2001; VYGOTSKY, 1999) - que um dos elementos que estiolam o estudo dos afetos² se encontra na busca de uma definição reificada e estanque desse fenômeno. Nesse sentido, as pesquisas guiadas por **tal** mirada objetivista se lançam sobre as emoções como se partissem numa “caça ao tesouro” epistemológica, almejando encontrar – em algum *locus* inexplorado da mente – o *Eldorado* da psicologia; uma teoria das emoções que as encapsule em si mesmas de forma linear e empiricamente mensurável. Não apenas me oponho a essa configuração investigativa como advogo um outro modelo de entendimento das emoções. Para tanto, me escoro no edifício teórico proposto por Averill (1985), que preconiza as emoções como uma síndrome multifatorial - um fenômeno complexo que se constitui de diversas dimensões articuladas, porém, que não se restringe à soma destas. Dentre os tentáculos desse “monstro”, destacam-se o nível fisiológico, neuronal, simbólico e o discursivo – esse representando o interesse central desta pesquisa.

No entanto, diante do alicerce teórico explicitado acima, um questionamento se impõe: como podem as emoções ser formadas por diferentes esferas constituintes se quando me emociono, vivo esse “emocionar-se” de forma holística e unívoca? Essa pergunta encontra resposta na teorização defendida por Vygotsky (1994). Para o autor, as emoções não podem ser fatoradas em pedaços menores que, quando articulados, formam um todo acabado. Pelo contrário, as mesmas se constituem como processos em fluxo constante acerca dos quais apenas podemos erigir modelos teóricos de inteligibilidade assentados em instâncias subjetivamente (re-)construídas. Em outras palavras, as emoções não podem ser mapeadas ou catalogadas; apenas “fotografadas em movimento”, sendo nossa subjetividade teórica a câmera fotográfica.

Outra questão ainda resiste: em que momento de nossas vidas esses diferentes níveis constituintes das emoções se alinhavam numa instanciação do fenômeno das emoções? Advogo que o ponto de tangência de todas essas distintas esferas afetivas reside no momento de tomada de consciência dessa complexa trama, convertendo os elementos comportamentais, pulsionais, fisiológicos etc. em experiência do sujeito. No entanto, a reflexão aqui proposta se distancia de um entendimento mecânico desse processo, que **preconizaria** a experiência como apreensão ou assimilação da realidade. Como uma senda alternativa a essa concepção, **ancoro-me** ao longo desta investigação no conceito de *Perezhivanie*³ desenvolvido por Vygotsky (1994) no ocaso de sua vida.

² Neste artigo, utilizo os termos emoção e afeto de forma intercambiável. Para uma discussão mais aprofundada da razão que sustenta esse posicionamento, consultar Engelmann (1978) e Abreu (2017).

³ Traduzido geralmente como experiência emocional, apesar de transcender tal definição.

Contudo, debruço-me sobre essa ideia iluminando apenas o seu aspecto discursivo, já que uma reflexão acerca do seu papel na dinâmica psicológica do indivíduo verteria o escopo deste **trabalho**.

Ambicionando investigar a natureza discursiva da experiência, abordar as narrativas torna-se uma empresa incontornável. Conforme apontado por Bruner (2004, p. 692): “parece que não dispomos de outra maneira de descrever o ‘tempo vivido’ salvo na forma de uma narrativa”. Portanto, as histórias que contamos não representam apenas recursos que instrumentalizam a expressão das experiências, mas constituem o fundamento estrutural e organizacional desse fenômeno, sendo, **portanto**, condição *sine qua non* de sua materialização.

No entanto, parece-me importante iluminar uma metáfora apresentada por Vygotsky (1994) acerca desse fenômeno: na orquestra da mente que harmoniza a música da experiência, a emoção rege tal performance como um maestro. Sendo assim, aqui recorro a um exercício lógico: se na experiência as emoções se configuram como regentes, normal parece que nas narrativas – estrutura discursiva fundamental da experiência – as emoções também adquiram tal protagonismo. Argumento em favor dessa inter-relação. Porém, assim como as experiências possuem uma estrutura discursiva *par excellence*, os afetos, de uma maneira análoga, também adquirem uma forma discursiva protuberante – apesar de não ser a única -, representada pela avaliação.

Com base nessa reflexão, encontro o apoio necessário para explicitar o objetivo central desta pesquisa: alumiar o processo de construção discursiva das emoções em experiências emocionais (*perezhivaniya*⁴) narrativizadas. No entanto, o presente trabalho encontra-se vinculado a um projeto investigativo maior, que ambiciona entender como as emoções influenciam o processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa. Dessa forma, os dados a serem analisados aqui foram angariados desse *corpus* ao qual este artigo está relacionado. Assim, tais interações orbitarão ao redor de experiências de aprender/ensinar inglês ou, mais amplamente, viver em meio a esse idioma.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: após esta seção introdutória, esmiúço em maiores detalhes a ideia de *Perezhivanie*. Em seguida, busco erigir uma breve reflexão sobre as narrativas, sua estrutura ontológica de **imbricação** com a experiência, seu papel na trama discursiva e a dinâmica avaliativa que a colore – assunto que será tratado em uma seção específica. Adiante, discorro sobre os expedientes metodológicos deste trabalho; momento que antecede a seção de análise dos dados. Por fim, teço algumas considerações sobre a pesquisa e as respostas e novas perguntas dela decorrentes.

***Perezhivanie* e a trama complexa das experiências emocionais**

⁴ Plural de *perezhivanie*.

Tomado por uma nebulosidade característica da obra vygotskiana, *perezhivanie*, apesar de sua riqueza e relevância no campo dos estudos sobre os afetos, tem sido um conceito pouco explorado pelos interessados na herança do autor. Como já evidenciado no título desta seção, a ideia de *Perezhivanie* está intimamente ligada à experiência.

Segundo González-Rey (2001), “experiência é a forma subjetiva de viver a realidade concreta.” A experiência preconiza uma relação dialética entre o sujeito e o mundo que o rodeia. Nesse sentido, a experiência, entendida por um viés subjetivo, está invariavelmente relacionada a um olhar idiossincrático sobre a realidade que, no entanto, revela mais sobre o sujeito que vê do que sobre o mundo que é visto. Vasilyuk (1984) entende a experiência como uma ação do sujeito, não um mero acidente que o acomete em posição de passividade. O psicólogo russo se insurge contra uma visão de experiência entendida como uma determinação do meio sobre o indivíduo. Para o autor, experienciar é uma necessidade humana de atribuir significado à existência a partir da construção de sentidos no campo psicológico.

Lançada luz sobre o conceito de experiência, podemos nos debruçar sobre a ideia de *perezhivanie*, um entendimento mais amplo e rico do experienciar. Para Vygotsky, o cerne dessa ideia se encontra na possibilidade de um indivíduo (ou vários) experienciar(em), ou (em um sentido mais profundo) viver(em), a mesma situação, objetivamente concebida, de maneiras distintas. Como coloca o autor (1994, p. 340) ao tratar da questão do desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores na criança, não serão os fatores do ambiente de forma isolada que determinarão como se dará o processo de desenvolvimento, “mas serão os mesmos fatores refratados através do prisma da experiência emocional (*Perezhivanie*) da criança⁵”. Assim, é a dinâmica processual idiossincrática das estruturas psicológicas dos sujeitos, relacionada com as singularidades dos mais distintos ambientes e mediada pelas relações sociais estabelecidas no seio de cada encontro do indivíduo com o mundo que compõem a substância de cada experiência.

Vygotsky ressalta que, ao buscarmos analisar a *perezhivanie* na trajetória de um dado indivíduo, é imperativo que entendamos que as instâncias sociais e subjetivas estão invariavelmente ligadas por um laço inquebrantável. Da mesma forma, torna-se impossível compreendermos a cognição sem considerarmos os componentes afetivos que a norteiam, ou debruçarmo-nos sobre a constituição do pensamento sem considerarmos a linguagem e seus matizes discursivos. Essa constatação evidencia a complexidade da construção das experiências humanas, que se distanciam de uma concepção dicotomizante – esteada em oposições como pensamento / linguagem e individual / social – e aproximam-se de um entendimento desse fenômeno como um exuberante mosaico de processos sociais e psicológicos que se relacionam dialeticamente de forma contínua.

⁵ “but the same factors refracted through the prism of the child's emotional experience (*perezhivanie*).”

Ancorados na reflexão apresentada acima, podemos mergulhar na riqueza teórica da articulação entre experiência e emoção que germina no solo da *perezhivanie* vygotskiana. Conforme aponta González-Rey (2016, p. 5), a *perezhivanie* representa o “agregado de todas as características da personalidade com todas as características (percebidas[adiciono]) do ambiente”. Nesse sentido, a *perezhivanie* transcende o fenômeno da experiência, **absorvendo-o**, pois, enquanto este se institui no bojo dos aspectos conscientes do encontro do indivíduo do com o mundo percebido, aquela abrange toda a orquestra das funções psicológicas superiores, integrando, inclusive, as funções que, no momento experienciado, são relegadas à penumbra da nossa consciência.

Nesse ponto reside o ponto fundamental de entrelaçamento da emoção com a experiência. Por um lado, a emoção apenas ganha sua materialidade quando efetivamente experienciada, ou seja, vivenciada conscientemente. Por outro lado, a experiência desprovida de seus matizes emocionais estaria cativa da monotonia, convertendo-se em um labor consciente de escaneamento da percepção. Portanto, é a emoção que torna a experiência – e, em um nível mais amplo - um fenômeno aparentemente paradoxal, sendo involuntário enquanto, dialeticamente, construído pelo sujeito. Assim, por exemplo, ao avistar de relance uma pessoa amada, não opto conscientemente por me deslumbrar com sua beleza, sentir meu coração batendo acelerado e me comportar inquietamente diante da iminência de sua presença – esses traços subjetivos da minha experiência me atingem como um relâmpago, apesar de serem construções da minha subjetividade⁶, irrepetíveis por outrem. Em última instância, como podemos inferir após essa reflexão, são as emoções, em sua complexa inter-relação com as experiências, que saturam a vida de possibilidades infinitas; e é justamente nesse enlace que se institui a *perezhivanie*.

Iluminada a relação inquebrantável da experiência com as emoções – representada pelo conceito de *perezhivanie* -, na seção seguinte, **debruço-me** sobre outro pedaço desse vasto terreno que é a experiência, sua materialidade discursiva e organizacional: as narrativas.

A narrativa como estrutura discursiva de organização das experiências

Visando tornar mais clara a articulação teórica proposta no título desta seção, recorro mais uma vez às palavras contundentes de Bruner (2004, p. 692): “parece que não dispomos de outra maneira de descrever o ‘tempo vivido’ salvo na forma de uma narrativa”. Naturalmente, o império da narrativa na edificação da experiência não tem sua gênese causal em nossa configuração fisiológica, mas sim na trajetória histórica de desenvolvimentos simbólicos – materializados em expedientes culturais que formam nossos discursos – que envolvem nossa vida social e colorem

⁶ Para uma discussão mais aprofundada do conceito de subjetividade, consultar González-Rey (2016).

nossa realidade psicológica. Esse argumento tem seu alicerce na reflexão proposta por Bruner (2004). Para o autor, em algum momento da nossa caminhada filogenética, nós aprendemos a contar histórias e, de forma dialética, a viver de acordo com o cânone dessas narrativas culturalmente compartilhadas. Assim, os balizamentos culturais que piquetam a trama dos nossos discursos e da nossa mente quando construímos narrativas, em algum ponto da história humana, “adquirem o poder de estruturar nossa experiência perceptual, organizar a memória, segmentar e construir sobre um propósito os próprios eventos de uma vida” (BRUNER, 2004, p. 694).

Apesar da complexidade e fluidez das narrativas - características que tornam escorregadio qualquer labor teórico a seu respeito – algumas características aparentam ensejar algum consenso na literatura da área. Um desses pontos de acordo se situa no que tange à sequencialidade das narrativas. Nessa linha, Bruner (1997, p. 46) afirma que “as narrativas são compostas por uma seqüência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou atores”. Para o autor, a narrativa se caracteriza como uma trama sistêmica, em que nenhum de seus constituintes possui um significado definido a priori, sendo este instituído de forma relacional a partir da posição e do papel desempenhado por cada elemento na teia de cada história.

Outra característica precípua da narrativa, intimamente imbricada ao aspecto da sequencialidade, reside na estrutura temporal a qual esta está subordinada. Nesse sentido, destituiu-se do totem da ordenação sequencial o fluxo cronológico “do relógio” (RICOEUR, 1988), alçando a esse posto o tempo da história humana – que Agostinho (1973) denominou de “tempo da alma”. Além da temporalidade singular e da sequencialidade, a excepcionalidade desponta como outro pilar sobre o qual a narrativa se sustenta. Conforme observado por Sacks (1984), ser, parecer e agir de forma normal, apesar de sua aparente naturalidade, demanda um investimento social e psicológico que consome parte de nosso élan cotidiano. Portanto, as narrativas desempenham um papel importante na salvaguarda dessa normalidade ao fornecer um insumo discursivo de normalização da excepcionalidade. Desenvolvo esse argumento ancorado em um exemplo do próprio Sacks (1984): se a ação de passar uma tarde inteira contando as rachaduras na parede do seu quarto seria considerada um desvio comportamental intolerável dentro da dinâmica de normalidade que rege a nossa vida social, introduzir esse evento em uma estrutura narrativa maior que o envolva (ou seja, narrativizar essa experiência dentro de uma seqüência de causalidade e continuidade [LINDE, 1993]) pode torná-lo aceitável, justamente pelo cânone da narrativa situar-se sobre o terreno do excepcional. Dessa forma, o mesmo narrador entretido com as formas erosivas da sua parede poderia dizer: estive tão doente na terça-feira que não tive forças para me levantar da cama, passando o dia inteiro contando as rachaduras nas paredes do meu quarto.

Tamanha é a centralidade do excepcional na construção das narrativas que Labov (1972) atribui a esse aspecto a reportabilidade das histórias. Portanto, uma narrativa que não rompa com a normalidade socialmente convencionada dentro de um certo encadeamento situacional torna-se pouco reportável ou pouco merecedora de atenção. Iluminado por essa constatação, o autor instituiu como único elemento essencial para a existência legítima de uma narrativa a ação complicadora, estágio que na estrutura canônica laboviana representa justamente o ponto de ruptura com a normalidade culturalmente projetada para a sequência de eventos narrada.

Outro pilar fundacional das narrativas reside naquilo que Bruner (1997) classificou como sua natureza subjuntiva, que, laconicamente, pode ser definida como o embaralhamento subjetivo da percepção com a imaginação. Nessa senda, o autor destaca o império da incerteza na construção das narrativas, preconizando o distanciamento ontológico entre os eventos concretamente ocorridos como documentos históricos no mundo material e o mundo das histórias subjetivas construídas pelos indivíduos, que, mesmo ancorados em situações empíricas, excedem-nas incomensuravelmente, pois se assentam no universo das possibilidades simbólicas angariadas em cada cultura.

O último aspecto constituinte das narrativas que ambiciono destacar nesta breve revisão refere-se à sua faceta interacional. As histórias que contamos desempenham um papel retórico-pragmático na trama discursiva, caracterizando-se como uma prática social co-construída (OLIVEIRA & BASTOS, 2002). A função organizacional da experiência e de construção de nexos de causalidade e sequencialidade ganha matizes de materialidade no solo da arena interacional. No entanto, a mão que manobra o timão desse movimento de construção discursiva tem como norte os interesses pragmáticos e retóricos latentes e candentes em cada interação (OCHS, 2004). É justamente sobre essa veia discursiva-interacional das narrativas que me debruço abaixo.

Uma referência incontornável no estudo das narrativas reside na tradição laboviana - já instituída como um cânone na literatura da área. O autor define as narrativas como “um meio de recapitular a experiência passada pelo correlacionamento de uma sequência verbal de orações com uma sequência de eventos que (infere-se) realmente aconteceram” (LABOV, 1972, pp. 359-360). Esse encadeamento oracional de eventos tende a fomentar uma estrutura em comum nas narrativas, apesar de nem todos os seus elementos (com a exceção da ação complicadora) se configurarem como imperativos. A estrutura laboviana possui seis passos que se sucedem em uma ordem recorrente (tirante a avaliação que transborda toda a história) em narrativas canônicas: 1) Sumário; 2) Orientação; 3) Ação complicadora; 4) Avaliação; 5) Resultado; 6) Coda (LABOV, 1972, p. 363).

O primeiro desses seis pilares (o sumário) fornece um resumo da história vindoura, apresentando a legitimidade da narrativa para figurar na interação em questão. Seguindo na taxonomia laboviana, temos a orientação, cujo papel reside na contextualização (mais ou menos detalhada) da sequencialidade de ocorrências a ser narrada. A ação complicadora – único elemento indispensável no discurso narrativo – caracteriza a passagem da contextualização para a narração efetiva, tendo como eixo para essa construção um momento de ruptura com um fluxo de eventos convencionados como normais. Segundo Bastos e Biar (2015, p. 106), a avaliação representa “a explicitação da postura do narrador em relação à narrativa de forma a enfatizar a relevância de algumas de suas partes em comparação a outras”. Adiante, temos o resultado que se configura como a resolução do desvio instituído na gênese da narrativa. Por fim, o estágio derradeiro da narrativa reside na coda, movimento discursivo de síntese e avaliação panorâmica dos eventos narrados, constituindo uma ponte de transição para o presente da interação.

Apesar da incontornabilidade da tradição laboviana no que tange à investigação discursiva das narrativas, algumas críticas surgiram à proposta estrutural apresentada, problematizando a rigidez da organização preconizada pelo autor em clamor de uma abordagem de estudo das narrativas mais fluida e interacionalmente balizada. Como uma resposta na direção desse movimento, diversas teorizações, ancoradas em entendimentos diferentes das narrativas, foram elaboradas. Dentre estas, destaco o terreno dos estudos das pequenas histórias (BAMBERG & GEORGAKOPOULOU, 2008). As narrativas prestigiadas por essa teorização, apesar de carecerem de alguns estágios constituintes canônicos e se mostrarem menos extensas que o modelo de história canonizado, conservam seu estatuto de discurso narrativo apoiado na intencionalidade dos atores da interação. Na esteira desse olhar, apontam os autores supracitados: “se os próprios participantes orientam o que está acontecendo como uma história, nós argumentamos que eles tornam esses critérios (canônicos) supérfluos, se não problemáticos” (*idem*, p. 382). Assim, o emblema teórico das “pequenas histórias” abraça todas as diferentes formas narrativas que, ao transgredirem as fronteiras estruturalistas, tendem a ser marginalizadas e **encaminhadas** ao limbo das não-histórias, mesmo que tal categorização divirja da intenção subjetiva dos seus (co-) construtores. Além de uma perspectiva acolhedora às narrativas guetificadas, essa abordagem preconiza também um renivelamento funcionalista do enfoque analítico, ambicionando redirecionar o afoite teórico do estudo das narrativas para as vicissitudes microssituadas que balizam essas histórias - aspectos esses facilmente esquecidos em abordagens panorâmicas.

Entendo a proposta teórica trazida acima como um solo profícuo para o assentamento analítico dos dados desta pesquisa. Tal escolha se justifica pela característica marcante dos dados gerados que, mesmo não repousando confortavelmente no bojo estrutural das narrativas canônicas,

apresentam, de forma geral, algumas características constituintes do discurso narrativo como, por exemplo, o ancoramento recapitulativo de eventos passados, o bridão de um nexos de (con-) sequencialidade e um esforço interacional de (re-/co-) construção e (res-/cos-) significação discursiva das experiências articuladas. Da mesma forma, julgo que a reflexão sobre a estrutura das narrativas proposta por Labov (1972) constitui um ferramental de grande importância para uma análise consistente das histórias, especialmente, no que tange à sua organização. Assim, devido à natureza estrutural e interacional das narrativas presentes nos dados desta pesquisa, considero frutífero estabelecer um diálogo entre a tradição laboviana e a teorização das “pequenas histórias”.

Lançada luz sobre a vitalidade das experiências (em seu encontro com as emoções no seio da *Perezhivanie*) assim como a sua estrutura organizacional que, no nível discursivo, se institui na narrativa; julgo necessário constituir um ponto de tangência entre esses dois elementos: a substância e a forma da experiência. Nesse sentido, considero que essa interface se materializa na complexa dinâmica da avaliação que banha nossa prática discursiva. Sobre ela que me debruço a seguir.

Avaliação: a substância afetiva do discurso

A fulcralidade das avaliações na complexidade das narrativas já encontrou ressonância na voz de diferentes **estudiosos(as)** que se lançaram sobre essa esfinge. Conforme Labov (1972) aponta, a avaliação traz à tona a *raison d'être* da narrativa. Da mesma forma, Bastos (2005, p. 76) considera a avaliação “o mais complexo e, certamente, o mais fascinante elemento da narrativa”. Na presente pesquisa, o “fascínio” gerado pela avaliação reside no enlace inexorável desta com a dinâmica de constituição dos afetos.

No vasto e heterogêneo campo multidisciplinar dos estudos das emoções, instituiu-se um consenso quase hegemônico – atravessando diferentes paradigmas de pensamento – acerca da infraestrutura avaliativa que baliza a gênese de cada erupção comportamental afetiva. Laconicamente, essa visão preconiza que, diante de um dado instante de encontro do sujeito com o mundo, será a avaliação subjetiva – mais ou menos consciente – da miríade de percepções experienciadas nesse momento que determinará (ou exercerá algum tipo de influência sobre) o tipo de emoção vivida, isto é, se esse encontro se será alegrador ou entristecedor. Não coincidentemente, a corrente teórica que se interessou por essas reflexões de forma mais apaixonada foi batizada como Teoria da Avaliatividade. Porém, mais importante do que iluminar as vicissitudes psicológicas que envolvem o binômio emoção-avaliação é destacar a inseparabilidade desses dois elementos; o que, no contexto da presente pesquisa, atribui à avaliação o estatuto de categoria teórico-analítica profícua no que se refere a um entendimento mais profundo do processo

de construção discursiva das emoções em meio à prática narrativa. Assim, me debruço sobre esse construto, tendo como apoio a reflexão de viés sociolinguístico erigida por Labov (1972) e Labov & Waletzky (1967).

Labov e Waletzky (1967) atribuíram à avaliação um papel de protagonismo na constituição da narrativa, apontando que a reportabilidade de uma história em um dado contexto social tem como eixo de sustentação a teia avaliativa construída pelo narrador. Na visão dos autores, o caráter excepcional (ou não) de uma narrativa configura-se como um desdobramento da construção avaliativa do narrador - saturada de emoção. Na esteira dessa reflexão, os autores instituem duas funções sociais para as narrativas: uma referencial e outra avaliativa. Acerca da primeira função, esta possui um caráter informativo, apresentando à plateia da narração uma sequência de acontecimentos através do olhar do narrador. Por outro lado, a função avaliativa assenta o ponto central da narrativa, erigindo a reportabilidade e a relevância situacional dessa história.

No bojo da tradição laboviana, as avaliações podem assumir três formas nas narrativas: externa, encaixada e intermediária. Na avaliação externa, o fluxo sequencial da narrativa é interrompido para a inserção do posicionamento do narrador. Na avaliação encaixada, a carga dramática avaliativa inunda a história de forma indireta através da articulação de elementos lexicais, sintáticos, semânticos e prosódicos. Como apontado por Labov (1972), esses elementos imperam ao longo da narrativa, diluindo as fronteiras das seções de avaliação enquanto temperam a história afetivamente. Por fim, Labov (1972) ainda ressalta a emergência da avaliação intermediária, que reside no limiar tênue entre o externo e o encaixado. Um exemplo representativo desse tipo de avaliação encontra-se na introdução de falas reportadas ao longo da narrativa, dispositivo que permite ao narrador tecer jugos através da autoridade de outrem.

A proficuidade da reflexão laboviana acerca das avaliações reside no esforço dialógico impingido pelo autor⁷ de integrar os aspectos socio-funcionais⁸ dos recursos avaliativos à sua teorização mais ampla acerca da estrutura narrativa. Considero que no bojo do pensamento do autor se encontra um terreno fértil para **pensarmos** a forma como a narrativa e a avaliação se **interseccionam** (enquanto forma e substância) no processo de construção discursiva das emoções.

Findada a composição do edifício teórico que sustenta **esta** pesquisa, articulo-o às balizas metodológicas que a orientam.

Expedientes teórico-metodológicos

⁷ Junto com seus colaboradores, como Waletzky em (LABOV & WALETSKY, 1967)

⁸ Isto é, do papel social desempenhado pelas avaliações enquanto integrante de um arranjo sistêmico mais amplo (por isso, funcional).

Insiro este estudo em um paradigma qualitativo de pesquisa de cunho etnográfico. A escolha pelo alinhamento com o paradigma qualitativo justifica-se no direcionamento dessas abordagens pela conservação da naturalidade inerente aos espaços pesquisados (DENZIN; LINCOLN, 2006), reconhecendo a inviabilidade da aplicação do ideário metodológico positivista (ancorado na generalização e homogeneização) aos contextos reais de interação social.

Apesar de esta pesquisa não se alinhar canonicamente às diretrizes metodológicas da tradição etnográfica, considero ,que este trabalho tangencia tal paradigma no que se refere à proximidade do pesquisador com o seu objeto pesquisado (*si*). Denominada de observação participante por Neto (2003), essa inserção contundente do pesquisador no campo durante todo o processo de geração de dados se insurge contra uma perspectiva de neutralidade investigativa, que norteia outras abordagens metodológicas. Nesse sentido, aceita-se como uma realidade inexorável que a existência da pesquisa modifica cabalmente a situação a priori do espaço social estudado, da mesma forma como esse sujeito pesquisante também é, dialeticamente, influenciado pela experiência nesse contexto singular.

Os dados que compõem a presente pesquisa foram gerados durante uma entrevista semiestruturada que, em muitos momentos, se assemelhava a uma conversa reflexiva entre dois interagentes. Nesta investigação, as entrevistas vertam o seu papel tradicional de aparato metodológico, se instituindo como um evento discursivo, balizado por premissas e expedientes culturais mais ou menos compartilhados pelos participantes desse evento (MISHLER, 1986). Esse encontro interacional ocorreu no mês de abril de 2016 na casa de Eliane⁹ – participante da pesquisa e coconstrutora da entrevista -, localizada em um bairro de classe média na zona oeste do município do Rio de Janeiro. A interação foi capturada digitalmente em áudio através de um aplicativo de gravação convencional instalado em um aparelho celular da categoria *smartphone*. No total, foram gerados em torno de 24 minutos de interação, transcritos segundo as convenções apresentadas por Loder, Bulla & Garcez (2014). Balizada pelos preceitos paradigmáticos da pesquisa qualitativa, a estrutura da entrevista foi elaborada sob a égide teórico-metodológica de horizontalidade política na geração dos dados. Dessa forma, após o início da sessão de gravação, apenas uma pergunta aprioristicamente erigida foi apresentada (*Você se recorda das suas aulas de inglês na escola?*), sendo os demais turnos dessa conversa-entrevista elaborados improvisadamente no ardor criativo da prática discursiva-interacional. Findado o processo gerativo de transcrição e convencionalização dos dados, estes foram segmentados segundo o critério da presença no fragmento em questão de alguma forma (mais ou menos canônica) de discurso narrativo e da relevância dessa construção para a edificação da experiência emocional (*perexhivanie*) dos participantes.

⁹ Nome fictício.

Este artigo se insere em um projeto de pesquisa mais amplo, que orbita em torno da investigação do papel das emoções no processo de ensino/aprendizagem de inglês como língua estrangeira. No terreno **de tal** projeto maior, uma série de entrevistas semiestruturadas foram coconstruídas em diferentes momentos ao longo do ano de 2016. Dentre esses encontros de coconstrução de experiências discursivas, optei pela escolha dos dados gerados no meu encontro com Eliane para figurar no presente trabalho. A justificativa pela escolha desse *corpus* reside na centralidade que o discurso narrativo encontra nessa interação. Visando fornecer insumos contextualizadores para a análise desses dados, considero pertinente tecer algumas linhas sobre a trajetória da coconstrutora desta investigação, destacando os tangenciamentos de sua história de vida com a língua inglesa – encontros esses que ancoraram as suas narrativas.

Eliane trabalha como maquiadora e instrutora de maquiagem. Sua trajetória de aprendizagem de língua inglesa, nas palavras da própria participante, se mostrou tortuosa. Eliane já se engajou em ambientes de aprendizagem formais como cursinhos, aulas particulares e chegou a se matricular em um curso de graduação em Letras Português/Inglês - empreitada frustrada pela configuração das aulas do curso, endereçadas a um público discente já proficiente nessa língua estrangeira. A participante já teve a experiência de estar em um país onde a língua inglesa é falada como idioma oficial, rememorando momentos de dificuldade diante dessa situação. Grande parte dos dados gerados no seio dessa entrevista giraram em torno das (co-)construções discursivas das experiências ancoradas nesses eventos que marcaram a relação da colaboradora com a língua inglesa.

No que se refere à tangência histórica das trajetórias de vida de ambos os participantes desta pesquisa, inúmeras experiências de Eliane se entrelaçam com a minha vida. Sendo irmãos, possuímos uma relação familiar estreita, apesar de jamais havermos compartilhado a mesma residência por longos períodos. Portanto, por termos um nível de proximidade social e afetiva alto, muitos eventos importantes na vida da participante deste estudo ganharam ressonância e relevância para mim, incluindo os encontros nem sempre harmoniosos da maquiadora com a língua inglesa. Nesse sentido, essas experiências de Eliane representaram uma das motivações mais candentes para o desenvolvimento e o direcionamento do labor teórico-investigativo que impinge tanto a produção **do presente** artigo quanto o macrojeto no qual este está inserido.

Concluída a discussão dos expedientes metodológicos que orientam esta investigação, a seguir, apresento a análise dos dados.

Análise dos dados

Em sintonia com o objetivo apresentado na introdução deste trabalho, na presente seção, analiso o processo de construção discursiva das emoções em narrativas assoreadas sobre experiências emocionais (*perezhivanië*). Como recurso subsidiário a essa empreitada, lanço luz sobre os aspectos avaliativos que carregam de dramaticidade as interações apresentadas, tomando-os como elementos privilegiados de instanciação discursiva dos afetos, em especial, no bojo da prática narrativa. Assim, olhemos para o excerto destacado abaixo:

Fragmento 1 – “Number one! Number one!” (1:27’ – 2:18’)

Diego	01	e::quando você foi nos estados unidos↑(.)
	02	como=é que::(.)você fez pra °você se virar°?
Eliane	03	hh((rindo))cara de pauhh(.)cara de pau((rindo))
Diego	04	(que)igual mamãe?
Eliane	05	<u>total</u> (.) <u>total</u> ↑(.) é:: (1,0)eu sou >meio tapada
	06	pra essas coisas<, né↑(.)tanto é que,uma vez(.)
	07	num restaurante: (.)<da própria disney>(.) eu
	08	fui vendo pelas fotos lá::(.)e fui::hh(.)
	09	apontando pra >pessoa<(.)hh(.) aí a pessoa
	10	falando lá::=e=eu > <u>number=one number=one</u> ↑<
	11	((alterando o tom da voz))(.) <porque tinham os
	12	números lá::> <aí a pessoa>(ãããã) <eu> OK(.)
	13	<não sei se tava me xingando ou não>
	14	((rindo))(1,0) e é::↑(.) vou me virando
	15	assim, na mímica, mas(.)pra falar
	16	mesmo(0,5)algumas coisas eu consigo:::(.)
	17	ligar:: né:↑, <vamo lá>(.)vou fazendo uma-um(.)
	18	quebra-cabeça ,né↑com as palavras, mas se
	19	juntar a frase toda <u>eu não consigo</u> .

O excerto apresentado se insere em um contexto interacional mais amplo, em que Eliane lança mão de expedientes argumentativos para justificar a sua avaliação negativa acerca de sua performance em língua inglesa. Nesse sentido, o questionamento erigido por Diego nas *linhas 1 e 2* (*e::quando você foi nos estados unidos↑*(.)/ *como=é que::*(.)*você fez pra °você se virar°?*) se constitui como um desdobramento direto da colocação feita por Eliane no turno anterior ao *fragmento 1*: *<porque eu não gost-num gosto do inglês↓*(.) *eu acho que tem que falar: <com a língua no céu da boca>*(.)*eu não tenho essa flu::ência*(.)*não consigo*.

Podemos observar um encadeamento lógico entre a afirmação da participante acerca de sua dificuldade com a pronúncia da língua inglesa e a indagação de Diego (*linhas 1 e 2*), assentada no verbo *se virar*, que preconiza uma ação de superação improvisada de uma circunstância problemática. A asserção subsequente da participante corrobora e constrói alinhamento com a

questão levantada por seu interlocutor, uma vez que o emprego da expressão *cara de pau* (*linha 3*) em meio a gargalhadas (que podem sugerir que a interagente considera jocosa a situação de alguém se aventurar de tal forma em um país estrangeiro) está umbilicalmente relacionada com o tipo de situação sugerida pelo questionamento de Diego.

No momento seguinte, a maquiadora articula o seu comportamento durante a viagem aos Estados Unidos (marcado pela *cara de pau*) com uma categorização depreciativa da sua capacidade interacional em língua inglesa instanciada nas *linhas 5 e 6* (*eu sou >meio tapada pra essas coisas <*). A escolha **pela expressão** *meio tapada* está vinculada com o atributo autoauferido *cara de pau*, pois essa forma de comportamento perante adversidade é apresentada pela interagente como um aspecto de sua personalidade (marcado pela escolha do verbo *ser*), não como uma contingência situacional momentânea. O que se segue - a partir da *linha 6* até a *linha 15* - é a construção de uma micronarrativa não-canônica que se configura funcionalmente como um movimento de exemplificação **da** categorização (*meio tapada*) **atribuída por Eliane a si mesma**. Assim, a participante engendra uma história que corrobora o emblema adjetivo ao qual ela se associou. O caráter explanatório dessa narrativa é evidenciado pela expressão *tanto é que* - que enseja consequencialidade - antes do marcador temporal *uma vez*, que marca o início da narrativa.

Mirando analiticamente a narrativa coconstruída pelos interagentes no excerto observado, podemos perceber, inicialmente, que a história em questão não se encaixa confortavelmente no cânone formal laboviano. No entanto, julgo que a empresa de uma análise de viés estrutural balizada pelos preceitos estruturalistas se mostra profícua no que tange ao entendimento da dinâmica organizacional da história analisada.

Como já mencionado acima, a narrativa que figura no *fragmento 1* se constitui como um expediente retórico-argumentativo que tem em sua gênese a função de oferecer insumos de experiências empiricamente vividas por Eliane para sustentar o **fato de a** participante se considerar *meio tapada* para falar inglês. Nesse sentido, a dinâmica de encadeamento de eventos e avaliações da história é regida pelo interesse da interagente de consolidar sua argumentação. Destarte, a narrativa observada rompe com alguns momentos preconizados pela estrutura laboviana. Por exemplo, o sumário - que, em um modelo narrativo mais **canônico, deveria** anteceder a construção da orientação - se polimeriza a esta. Assim, quando Eliane assevera nas *linhas 6 e 7* (*uma vez* (.) *num restaurante*: (.) *<da própria Disney>*), a participante não apenas abre caminho na coreografia interacional para sua edificação narrativa, como introduz elementos orientacionais que enriquecem contextualmente a história. Acerca da **imbricação** sumário-orientação na narrativa analisada, pontuo que esta se justifica pela própria natureza da narrativa, em sua breve duração e seu caráter retórico - que a torna subsidiária de um movimento discursivo de argumentação que a atravessa.

Em seguida, nas *linhas* 7, 8, 9 e 10, outros expedientes orientacionais são trazidos por Eliane, como: *eu fui vendo pelas fotos lá::(.) / e fui::hh(.) apontando pra >pessoa<(.).hh(.)/ aí a pessoa falando lá.*

Na *linha* 10, a ação complicadora da narrativa é introduzida: =e=eu <number=one number=one↑>. Considerando o caráter não-canônico da história em questão, torna-se uma empreitada escorregadia a categorização precisa desse momento estruturante. Contudo, argumento que o trecho destacado acima detém algumas especificidades que o configuram como ponto de virada (*turning point*) da narrativa, marcando, assim, uma ruptura com os eventos orientacionais que o antecedem. Inicialmente, torna-se imperativo não olvidar que a história analisada encontra-se ancorada em um movimento argumentativo que busca consolidar a avaliação autoauferida de Eliane acerca de sua proficiência em falar inglês. Nessa linha, o momento culminante dessa argumentação dentro da narrativa reside no instante que a participante materializa a sua performance, interagindo com alguém em língua inglesa. Da mesma forma, a ação (re-)construída discursivamente na *linha* 10 rompe com os momentos que a antecedem – que categorizei segundo o modelo laboviano como orientações – por sua contundência, conforme podemos observar no relevo prosódico do enunciado.

Por fim, a coda é apresentada nas linhas 14 e 15 (*vou me virando assim*), articulando o retorno definitivo da narradora **ao** mundo da narração após a conclusão da sua história argumentativa. Assim como o restante da narrativa, o seu fechamento (coda) também se institui de forma tênue e imbricada ao argumento central que impinge Eliane a construir a sua história. Assim, o emprego do verbo *virando* é representativo, pois retoma o questionamento erigido por Diego nas *linhas* 1 e 2. Esse encadeamento discursivo sugere que a narrativa construída pela participante representa uma resposta de cunho experiencial à pergunta de seu interpelador – sobre a maneira como ela *se virou* nos EUA –, tendo em seu desfecho um enunciado que marca a articulação dessa história com a pergunta que a motivou. No que se refere à resolução, esta não é marcada explicitamente.

Esmiuçados os cinco pilares da estrutura canônica das narrativas, me debruço, finalmente, sobre a avaliação - o sexto elemento dessa taxonomia -, cuja função dramática lhe confere centralidade nesta pesquisa. No regaço da narrativa engendrada entre as *linhas* 6 e 15, lanço luz sobre a dinâmica discursiva de construção avaliativa a partir de dois movimentos: iluminando microssituadamente as escolhas gramaticais e semânticas e o espectro prosódico ao longo da narrativa e a relação destas com a sequencialidade experiencial que baliza a história; e entendendo a própria narrativa em sua articulação argumentativa – que verta os limites da história - como uma sequência de instantes avaliativos relacionados com a consolidação da posição apresentada por Eliane. Para instrumentalizar essa análise, me escoro teoricamente na reflexão de viés sociolinguístico preconizada por Labov (1972) e Labov & Waletzky (1967).

Olhando atiladamente para o contorno sequencial da narrativa destacada, evidencia-se que as experiências e os eventos (re-/co-) construídos discursivamente pelos interagentes estão articulados de maneira a oferecer uma avaliação implícita (ou encaixada) da performance interacional da maquiadora em inglês. Porém, antes do início da história, a própria formulação da questão de Diego carrega em seu bojo uma valoração negativa, uma vez que o emprego do termo *se virar* preconiza a existência de algum tipo de dificuldade enfrentada por Eliane devido à sua baixa proficiência no idioma em questão. Esse juízo negativo ganha ressonância nas palavras da participante ao **conjug**ar ao fato de ela *se virar* construções como *cara de pau* e *meio tapada*.

No momento seguinte, essas categorias depreciativas ganham consistência maior ao serem reestruturadas por Eliane não como emblemas adjetivos, mas como ações concretas narrativamente situadas. Nesse sentido, a sequência de ocorrências interacionais construída por Eliane (*fui vendo pelas fotos lá/ fui::bb(.)apontando pra >pessoa</ aí a pessoa falando lá::=e=eu >number=one number=one/ aí a pessoa>(ããããã) <eu> OK*) se alinha com a avaliação desqualificadora que a antecede, uma vez que esses eventos narrados exercem a função argumentativa de provas confessionais empíricas da qualificação (*meio tapada*) autoatribuída pela participante.

Próximo ao fim da narrativa, podemos observar a emergência de um expediente avaliativo de configuração mais canônica na *linha 13* (*não sei se tava me xingando ou não*). Segundo a estrutura laboviana, esse apontamento consiste em uma avaliação externa, uma vez que o fluxo narrativo de encadeamento de experiências é interrompido, dando lugar a uma apreciação subjetiva acerca de algum dos elementos narrados. Dessa forma, esse enunciado se articula à construção experiencial narrada na linha anterior (*aí a pessoa>(ããããã) <eu> OK*), evidenciando a dificuldade interacional da participante no contexto rememorado em questão, levando-a a concordar com proposições incompreendidas construídas em inglês - que poderiam até se configurar como xingamentos. Esse posicionamento corrobora o mote central da narrativa - o caráter improvisado e tortuoso da performance discursiva de Eliane em inglês, mirado por lentes depreciativas.

Após o encerramento da construção narrativa (*linha 15*), outros esforços avaliativos ainda são engendrados por Eliane, tendo como objeto desse jogo a sua habilidade interacional em inglês. Na realidade, podemos observar que essas avaliações, de certa forma, enriquecem a história contada nas linhas anteriores, assim como se alinham ao fio de Ariadne argumentativo que atravessa todo o fragmento analisado: *mas(.)pra falar mesmo/ (0,5)algumas coisas eu consigo::: ligar:: / vou fazendo uma-um quebra-cabeça ,né↑com as palavras/ mas se juntar a frase toda eu não consigo*. Em tais trechos, notamos a complexa engenharia avaliativa que baliza todo o *fragmento 1*. Nesse sentido, a sinuosidade da senda seguida pela participante para interagir em inglês - *formando quebra-cabeças com as palavras, ligando algumas coisas, porém, sem conseguir juntar a frase toda* - se configura como um expediente avaliativo-

argumentativo articulado tanto à categorização depreciativa de *meio tapada* quanto ao questionamento de Diego nas primeiras linhas do excerto.

Como evidenciado ao longo da análise do *fragmento 1*, esse excerto orbita ao redor da construção de uma imagem negativa da proficiência interacional de Eliane em língua inglesa. Apesar da participante tomar a dianteira nesse movimento depreciativo, Diego também mostra momentos contundentes de alinhamento e corroboração dessa posição. Ancorado nesse cenário avaliativo, uma narrativa é coconstruída pelos interagentes como um movimento de consolidação - com a força da empiria experiencial - desse juízo. Essa dinâmica, brevemente esmiuçada na análise do *fragmento 1*, mostra-se candente em outros momentos ao longo dos dados gerados, conforme podemos observar no *fragmento 2* abaixo:

Fragmento 2 – “Foi um choque!” (10:31’ – 11:35’)

Diego	01	tu lembra mais ou menos:-assim-quando você= <u>a</u>
	02	<u><primeira vez que você> entrou</u> na sala de aula
	03	e tinha uma pessoa lá >falando em inglês↓<(0,5)
	04	cê lembra, mais ou menos, como=é que foi-foi a
	05	experiência?
	06	(1,5)
Eliane	07	<FOI UM CHO↑QUE>(.)porque::(0,5) >a opção<(.)
	08	é::(.) eu tinha que fazer↓(.)eu terminei o
	09	segundo grau↑, tinha que fazer uma faculdade
	10	(0,5) tá↑(.)qual que eu vou fazer?<(.) das mais
	11	baratas(.) <u>licenciatura</u> (.) qual que eu me
	12	identifico mais?<(.) <u>português</u> , <que eu sempre
	13	gostei de escrever bem>(.) eu posso não saber
	14	inglês, mas > <u>português</u> ≤, você pode:: me
	15	perguntar::((rindo)) eu sou chata com
	16	pontuação↓, enfim(0,5) <com todo o restante>(.)
	17	.hh aí::(.)eu optei por português E inglês
	18	>°porque eu achei que° eu ia< <aprender inglês
	19	na faculdade↑>(.)<foi=um erro>(.) >mas: quando
	20	chegou lá: a:: professora::(.)<foi até uma
	21	mulher>,falando eu::(.) hh <que que eu tô
	22	fazendo <u>aqui</u> ?> (0,5) e assim↑, não foi por
	23	influência de <u>ninguém não</u> (.)das mais, da=da
	24	licenciatura, eu escolhi porque=eu-(.)me
	25	identifiquei mais(2,0) mas::::(0,5) hh
	26	(.)<(foi daí>(.) <eu não fiquei <u>uma semana</u> >,
	27	em inglês, por isso que:: (.)uma semana depois,
	28	eu pedi(.)pra trocar, por literatura.

Assim como no segmento anterior, **no excerto ora analisado**, podemos observar a presença de uma narrativa imbricada num movimento argumentativo que a verta enquanto, dialeticamente, mantém-se nela ancorado.

No contexto da entrevista de geração de dados, o *fragmento 2* se inicia após um hiato de alguns instantes de silêncio. Portanto, não há um encadeamento direto desse fragmento com algum trecho que o anteceda proximamente. No entanto, ao longo da interação transcrita acima, alguns pontos são rearticulados com base em momentos anteriores, sendo um exemplo representativo dessa retomada o questionamento erigido por Diego nas cinco linhas iniciais. A resposta de Eliane (*linha 7*) a essa questão representa a medula desse fragmento, **em torno** da qual o restante do trecho apresentado orbita: <FOI UM CHO↑QUE>. Em seguida, a participante erige uma narrativa em que ela desenvolve explanatoriamente a sequencialidade de experiências que culminaram na dramaticidade da afirmação feita na *linha 7*. O caráter explicativo do trecho que se segue é marcado pelo emprego do conectivo *porque* (*linha 7*) que, em seu bojo semântico, enseja uma ligação sintática de viés causal. No entanto, assim como a história construída no *fragmento 1*, essa narrativa não possui uma estrutura rígida, encontrando-se entremeada por ponderações encadeadas, digressões e uma complexa dinâmica avaliativa. Apesar de nem todos os passos da estrutura canônica estarem presentes, considero relevante mirar essa narrativa através das lentes labovianas.

Inicialmente, destaca-se o **fato de a** narrativa analisada carecer do sumário. No entanto, o estranhamento da ausência do prefácio encontra-se mitigado por dois elementos. Por um lado, a própria questão erigida por Diego sugere uma resposta que esteja assentada em alguma forma de reconstrução experiencial, sendo assim, ancorada num discurso narrativo. Essa sugestão é evidenciada tanto no fato de Diego recorrer à lembrança de sua interlocutora (*linhas 1 e 4*) - que elicia um esforço rememorativo em Eliane - quanto no pedido direto pelo compartilhamento da experiência vivida pela maquiadora (*linha 5*). Outro aspecto mitigador desse desconforto interacional reside na força do apontamento construído pela participante na *linha 7* (<FOI UM CHOQUE>), cuja natureza incisiva carrega a necessidade de atenuação dessa afirmação ou de legitimação de sua dramaticidade - movimento que se materializa no instante seguinte da interação.

Após a colocação contundente de Eliane na *linha 7*, sucede-se uma série de construções orientacionais (da *linha 7* até a *linha 19*) que enriquecem o contexto experiencial da participante. Um aspecto interessante acerca desse encadeamento de orações reside no fato dos eventos narrados construírem uma trajetória - sinuosa, porém consequencial - que institui um nexos causal para um conjunto de contingências que, **fosse rompido** esse fio de Ariadne narrativo, se **mostrariam**

desprovidas de ligação intrínseca entre si. Assim, a sequência oracional *eu tinha que fazer/ eu terminei o segundo grau*↑/ *eu optei por português E inglês/ eu achei que*^o *eu ia*< <*aprender inglês na faculdade*↑ estrutura uma caminhada de vivências, produzindo um movimento de tensão ascendente que, em última instância, enseja um efeito de clímax no momento da introdução da ação complicadora na narrativa (*linha 19* até a *linha 22*). Portanto, torna-se evidente que o encadeamento engendrado por Eliane, além de configurar-se como um expediente argumentativo eficaz de construção de logicidade, converte-se num recurso estético eficaz. No entanto, a potência argumentativa da narrativa de Eliane não se resume apenas à sua complexa teia experiencial, mas também materializa-se em outros elementos discursivos, como, por exemplo, uma sequência de diálogos retóricos: *tinha que fazer uma faculdade/ tá; qual que eu vou fazer?/ das mais baratas(.)licenciatura(.);qual que eu me identifico mais?(.)/ português*. Além desse recurso dialógico, a narradora ainda elabora alguns apostos digressivos nos quais uma dada informação ou evento construído na narrativa é aprofundado ou explanado - como podemos observar nas *linhas 14, 15 e 16*.

Findado o momento de contextualização orientacional, a trajetória de eventos edificada por Eliane culmina na ação complicadora (*linhas 19, 20, 21 e 22*) em que o instante da experiência de *choque* da interagente (mencionada na *linha 7*) é (re-/co-) construído em sua vitalidade emocional. O caráter de clímax dessa ação evidencia-se em sua ruptura com a dinâmica até aquele ponto estabelecida na história, erigindo um evento que, ao remeter ao momento traumático de Eliane (que impinge toda a elaboração da narrativa), distancia-se do encadeamento harmonioso que regia a história até aquele instante. Nessa trilha, o sentimento de **não pertencimento** e deslocamento materializado nas palavras de Eliane (*que que eu tô fazendo aqui?*) contrastam como a sua expectativa lembrada – no terreno da narrativa - da possibilidade de desenvolvimento de proficiência em língua inglesa ao longo da graduação (*eu achei que*^o *eu ia*< <*aprender inglês na faculdade*). Outro elemento relevante na construção discursiva da ação complicadora reside na avaliação desencaixada engendrada pela participante na *linha 19* (*foi=um erro*) que, antecedendo o instante de ruptura na história, desempenha um papel de ligação entre os dois momentos da narrativa, atenuando o estranhamento dessa transição.

Ainda ancorados na taxonomia laboviana, podemos identificar a presença de outro elemento constituinte desse edifício teórico na narrativa analisada: a resolução. Esta é erigida por Eliane nas *linhas 26, 27 e 28*, apresentando um desfecho coerente e, de certa maneira, previsível para a experiência dramática vivenciada pela interagente. Dessa forma, a história é encerrada com a introdução de um elemento eventual que realinha os desvios consequenciais construídos ao longo da narrativa, permitindo que o interlocutor da maquiadora não considere legítimo (ao menos, em teoria) questioná-la da seguinte maneira: e depois, o que aconteceu? Porém, apesar do alinhamento

resolutivo da narrativa de Eliane ao modelo laboviano, o elemento da coda não encontra-se presente nessa história. Tal ausência pode ser justificada pela própria natureza dessa narrativa, que se encontra subsidiária ao esclarecimento da ponderação incisiva erigida por Eliane na *linha 7* (FOI UM CHOQUE). Portanto, uma vez que a função aprioristicamente assentada para a história foi concretizada discursivamente, o seu fim torna-se natural, não demandando a sua marcação pela coda.

Mais uma vez, lanço atiladamente minha mirada sobre os elementos avaliativos que saturam o *fragmento 2* devido à centralidade desses expedientes para a presente investigação. Um aspecto fulcral da dinâmica avaliativa do excerto em questão reside na asserção de Eliane (FOI UM CHOQUE) que, além de ensejar a construção da narrativa como um recurso explanatório e atenuador, baliza valorativamente essa história. Em outras palavras, a edificação da narrativa que sucede o apontamento da participante encontra-se constringida a fazer jus à avaliação erigida por ela na *linha 7*, isto é, se tornaria incoerente caso a história contada não se mostrasse tão chocante quanto seria esperado pela sua audiência após a categorização dramática dessa experiência. No esteio dessa reflexão, podemos perceber que outros expedientes avaliativos angariados ao longo da história mostram-se como subsídios à construção dessa coerência entre a avaliação a priori da narrativa e a sua rememoração experiencial. Dessa forma, momentos como *eu tinha que fazer*↓/ *tinha que fazer uma faculdade*/ *foi=um erro* edificam avaliações externas (LABOV, 1972), cuja função está assentada na construção da afetividade ao longo da narrativa, legitimando a força do julgamento realizado pela interagente na *linha 7*.

Além dos juízos explicitamente erigidos pela narradora, inúmeras avaliações encaixadas podem ser observadas no decorrer da história. Dentre estas, destaco o (já referido) encadeamento narrativo que, estruturalmente, corrobora a valoração engendrada pela interagente na *linha 7*. Outro expediente a ser ressaltado reside na digressão instituída por Eliane entre as *linhas 12 e 16*. Ao salientar o seu domínio gramatical de sua língua materna, a narradora, indiretamente, avalia contrastivamente a sua proficiência na língua inglesa. Esse cotejamento avaliativo edificado pela narradora evidencia-se no seguinte excerto: *eu posso não saber inglês, mas >português<*, cuja ênfase na palavra *português* sugere a existência de uma discrepância qualitativa em relação ao nível de conhecimento da participante acerca das duas línguas.

Findado este labor heurístico, ancoro-me nos entendimentos erigidos ao longo desta análise para alumiar o processo da construção discursiva das emoções ao longo dos fragmentos observados.

A natureza demiúrgica das histórias: a construção discursiva das emoções

Como busquei evidenciar na seção dedicada à reflexão sobre *Perezhivanie*, no nível psicológico, as emoções representam a mão-mestra das nossas experiências. O argumento fulcral que sustenta a presente análise reside na possibilidade de transplantação dessa dinâmica psicológica para o terreno da prática discursiva, sendo as experiências instanciadas nas narrativas e as emoções, precipuamente, materializadas nos expedientes avaliativos que saturam nossos discursos. Escorado nesse edifício teórico e munido do conhecimento construído a partir das análises apresentadas na seção anterior, **debruço-me** aqui sobre o processo de construção discursiva dos afetos, alumiando o fenômeno que poderia ser categorizado como uma *perezhivanie* discursiva, ou seja, a regência das emoções sobre a experiência (e das avaliações sobre as narrativas no estrato do discurso). Naturalmente, uma discussão mais profunda sobre esse processo transbordaria o espaço deste artigo, porém, aqui destaco os aspectos mais relevantes dessa dinâmica nos fragmentos observados.

No *fragmento 1*, alguns expedientes avaliativos que atribuem qualidades depreciativas à proficiência em língua inglesa (o emprego do termo *se virar* por Diego; e a autocategorização de Eliane como *cara de pau e meio tapada*) de Eliane criam condições interacionais para a construção de uma narrativa que argumenta em favor desses jugos através de um encadeamento sequencial de experiências, que, em última instância, corroboram a avaliação realizada pelos interagentes no início do fragmento. Nesse sentido, os momentos rememorados por Eliane diante de Diego, em que a personagem da história narrada faz mímica (*linha 15*), aponta para as fotos no restaurante (*linha 9*), não sabe ao certo se está sendo xingada (*linha 8*) e repete veementemente o enunciado *number one* (*linha 10*), constroem discursivamente um sentimento de desconforto (**ancorado** na autoavaliação desenhada pela participante) e frustração (com base, especialmente, na valoração insatisfatória da sua habilidade interacional em inglês apresentada nas linhas finais do excerto).

Por outro lado, o recorte interacional apresentado no *fragmento 1* também mostra-se saturado de sentimentos de coragem, confiança e desinibição. Nessa linha, a própria formulação do questionamento de Diego parte do pressuposto que sua interlocutora encontrou alguma maneira de superar as dificuldades impostas pela falta de proficiência nessa língua estrangeira, uma vez que a opção pelo verbo *se virar* denota a crença (saturada de confiança) na capacidade de superação de Eliane diante desse percalço. Da mesma forma, o emprego da expressão *cara de pau* instancia um sentimento de coragem e audácia que permite a Eliane, mesmo reconhecendo a dificuldade que envolve estar num país estrangeiro cuja língua lhe é pouco íntima, não desanimar de aproveitar os **momentos de sua viagem** e ainda incrementar seu repertório de narrativas.

No *fragmento 2*, desponta como sustentáculo de todo excerto interacional transcrito a resposta, emocionalmente efervescente, elaborada por Eliane ao questionamento apresentado por

Diego. Essa colocação de Elaine (*FOI UM CHOQUE*) instaura um ambiente afetivamente fértil que contamina a narrativa da participante. Assim, a cadeia de silogismos construída por Eliane, que desemboca na inerência da opção pelo curso de Letras (português-inglês); sua categorização da escolha de cursar inglês na faculdade como um erro; e o relato de seu espanto ao deparar-se com uma professora que interagira apenas em inglês - em contraste com a expectativa de aprender esse idioma na graduação (re-/co-) constroem momentos de sofrimento ancorados no entendimento subjetivo (discursivamente erigido) de que o objetivo de aprender inglês ao longo do curso de Letras teve de ser abortado como consequência da experiência traumática vivida pela narradora.

No entanto, outros sentimentos discursivamente edificados no *fragmento 2*, como orgulho e altivez, se mostram salientes. Na mesma medida em que as dificuldades interacionais e as experiências traumáticas envolvendo a língua inglesa se amontoam em meio à narrativa de Eliane, a narradora assevera a seu domínio irretocável de sua língua materna, razão para sua autoapreciação positiva, que contrasta com suas experiências de sofrimento com o inglês: *eu posso não saber inglês, mas >português<, você pode::me perguntar (linhas 13, 14 e 15)*. Essa interposição de construções emocionais, aparentemente contraditórias (sofrimento e altivez), evidencia a complexa dinâmica dos afetos que se movem de forma fluida e sinuosa por nossos discursos - em meio às nossas histórias, avaliações, argumentações, entonações, toques e olhares.

Considerações finais

Para apresentar estes apontamentos finais, julgo importante retomar o objetivo central **desta** pesquisa: alumiar o processo de construção discursiva das emoções em narrativas ancoradas em experiências emocionais (*perezhivaniya*). Com base na análise erigida na seção anterior, **disponho** de insumos teóricos para tecer alguns comentários acerca da esfinge investigada. Inicialmente, considero que a reflexão sobre *perezhivanie* encontra, em certa medida, tangência no seio da prática discursiva. Nesse sentido, a avaliação – elemento precípua de instanciação dos afetos – e as narrativas – forma de organização discursiva das experiências – se enlaçam profundamente, gozando aquela, dentre os elementos constituintes da narrativa (LABOV, 1972), de uma posição privilegiada de balizadora dos direcionamentos errantes das histórias. Esse argumento encontra ressonância no pensamento do próprio Labov (1972), quando o autor caracteriza as avaliações como a razão de ser moral das narrativas. Porém, para afirmar com maior consistência a aplicabilidade desse edifício teórico vygotskiano na trama da prática interacional – instituindo a emergência de uma *perezhivanie* discursiva – demanda-se o aprofundamento desta investigação em sua vereda teórica e analítica.

No que se refere às emoções construídas nos dados observados, evidenciou-se o seu caráter fluido e, por vezes, contraditório. Contudo, essa contradição se mostra condizente com a complexidade e a pluridimensionalidade dos afetos. Assim, a instanciação na mesma história de momentos de coragem e desconforto ou de sofrimento e altivez não pode ser analisada como um binômio de categorias estanques que negam uma a outra, mas sim como recortes didaticamente reificados (para poderem ser estudados) de um processo de (res-/co-) significação **que** não segue uma sequencialidade lógica. Nesse sentido, as emoções em suas múltiplas facetas representam um sistema capilar que se reconfigura incontrolavelmente, e que em seu nível discursivo, se materializa em palavras e corpos – porém, sem tornar-se menos líquido. Tendo como apoio a metáfora de Heráclito, considero que o processo de construção discursiva das emoções se assemelha a um rio que nunca passa duas vezes pelo mesmo ponto; já a investigação desse fenômeno deve ser entendida como um esforço, não para bloquear o fluxo desse rio, mas sim para iluminar o curso de suas águas.

Referências

- ABREU, D. C. A idiosincrasia afetiva da experiência: (re-) investigando o medo de falar inglês através de uma perspectiva vygotskiana. *Caletroscópio*, Ouro Preto, v. 4, n. 7, 2017. pp. 162-183.
- AGOSTINHO, S. *Confissões*. Edit. Abril, Coleção Os Pensadores, 1973.
- AVERILL, J.R. The Social Construction of Emotion: With Special Reference to Love, in K. Gergen & K.E. Davis (eds) *The Social Construction of the Person*. New York: Springer, 1985.
- BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text & Talk*. 28/3, 2008. pp. 377-396.
- BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – Uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*, v. 3, n. 2, p. 74-87, mai./ago. 2005.
- BASTOS, L.C; BIAR, L.A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *DELTA* [online]. 2015, vol.31, n.spe, p.97-126.
- BAUMAN, R. *Story, performance and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BRUNER, J. S. *Atos de Significação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- DAMÁSIO, A. R. *O Erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro Humano*, 12ª edição, Lisboa, Publicações Europa-América, 1995.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DESCARTES, R. *Discurso sobre o método, As paixões da alma*. In Os pensadores – Descartes, vol. I. São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- ENGELMANN, A. *Os estados subjetivos: Uma tentativa de classificação de seus relatos verbais*. São Paulo: Ática. 1978.
- GARCEZ, P. M.; BULLA, G. S.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. In: Cavalcanti, Marilda do Couto; Zanotto, Mara Sophia (Orgs.). *Trajelórias de pesquisa em Linguística Aplicada*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

GONZALEZ-REY, F. El lugar de las emociones em la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski *Educação e Sociedade*, 70,2001. p. 132-148.

_____. Vygotsky's Concept of *Perezhivanie* in The Psychology of Art and at the Final Moment of His Work: Advancing His Legacy. *Mind, Culture, and Activity* Vol. 23 , Iss. 4, 2016.

GUBRIUM, J.; HOLSTEIN, J. A. From the individual interview to the interview society. In: GUBRIUM, J.; HOLSTEIN, J. A. (Eds): *Post Modern Interviewing*. Thousand Oaks, Sage, 2003.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. *Language in the inner city*, LABOV, W. (Ed) , 354-96. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press. 1972.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: Oral versions of personal experience. *Journal of Narrative and Life History* 7(1-4).3-38. 1967.

LÉVI-STRAUSS, C. *Mito e Significado*. Tradução Antônio Marques Bessa. Coletivo Sabotagem, 1978.

LINDE, C. *Life stories: The creation of coherence*. Oxford, England: Oxford University Press, 1993.

MARX, K. *O Capital*, vol. 1. Centelha - Promoção do Livro, SARL, Coimbra, 1974. Disponível no site: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/vol1cap07.htm#topp>. Acesso em junho de 2017.

MISHLER, E. *Research interviewing. Context and narrative*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. (Org.); DESLANDES, S.; NETO, O.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

OCHS, E. Narrative lessons. In: DURANTI, A. (ed): *A companion to Linguistic Anthropology*, Oxford, UK. Blackwell, 2004. pp. 269-289.

OLIVEIRA, M. C. L.; BASTOS, L. C. A experiência de imigração e a construção situada de identidades. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v.11, n. 2, p. 31-48, 2002.

RICOEUR, P. *Time and narrative*. Vol. 3. Chicago, University of Chicago Press, 1988.

SACKS, H. On doing “being ordinary”. In: ATKINSON, J. M. & HERITAGE, J. *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1984.

SILVERMAN, D. *Qualitative research: field, method and practice*. London, Sage, 1997.

SMAGORINSKY, P. Vygotsky's Stage Theory1: The Psychology of Art and the Actor under the Direction of *Perezhivanie*. *Mind, Culture, and Activity*, 18: 319–341, 2011.

VASILYUK, F. *The psychology of experiencing*. Moscow: Progress. 1984.

VYGOTSKY, L. S. The teaching about emotions. Historical-psychological studies. In *The collected works of L. S. Vygotsky* (Vol. 6: Scientific Legacy) (R. Rieber, Ed.; M. J. Hall, Trans.; pp. 71–235). New York: Plenum. 1999.

_____. The problem of the environment (T. Prout, trad.). In Van Der Veer, R. & Valsiner, J. (Ed.), *The Vygotsky reader* (pp. 338-354). Oxford, UK: Blackwell. 1994.

Anexo

Convenções de transcrição (LODER, BULLA & GARCEZ, 2014)

.	(ponto final)	Entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	Entonação ascendente
,	(vírgula)	Entonação de continuidade
↑	(seta pra cima)	Mais agudo
↓	(seta pra baixo)	Mais grave
Palav-	Hífen	Marca de corte abrupto
Pala::vra	Dois pontos	Prolongamento de som
<u>palavra</u>	Sublinhado	Sílabas ou palavras enfatizadas
PALAVRA	Maiúsculo	Intensidade maior

°palavra°	Marca de graus	Intensidade menor
>palavra<	Sinal de menor do que e maior do que	Fala acelerada
<palavra>	Sinal de maior do que e menor do que	Fala desacelerada
hh	Série de h's	Aspiração ou riso
h.	H precedido de ponto	Inspiração audível
=	Igual	Elocução contíguas, sem intervalo
[]	Colchetes	Início e fim de falas simultâneas/sobrepostas
(2,4)	Números entre parênteses	Medida de silêncio
(.)	Pontos entre parênteses	micropausa
()	Parênteses vazios	Fala que não pode ser transcrita
(palavra)	Segmentos de fala entre parênteses	Transcrição duvidosa
((olha pra baixo))	Parênteses duplos	Descrição de atividade não-vocal

Chegou em: 13-12-2017

Aceito em: 06-02-2018